



# ESPERO TE CONHECER VIVA

**ANA CLARA VERAS**

Universidade Federal da Bahia, mestrado em Artes Cênicas. Pesquisa em andamento: "Carne Viva: poéticas de resistências feministas"; 2021.2. Bolsista CAPES. Orientadora: Joice Aglae Brondani, pelo PPGAC, UFBA. Colaboradora da PAVIO. Licenciada pela UFRN em Teatro. Estudante, brincante, atriz, professora, dramaturga, atriz-pesquisadora do grupo Arkhétipos de Teatro (2016-2020).

## **RESUMO**

Com o intuito de encontrar formas de manter-nos vivas (em carne viva), o artigo passeia por alguns caminhos reflexivos acerca das práticas de arte-vida percorridos durante a experiência do componente curricular Performance, Gênero e Feminismos (PPGAC-UFBA). Uma discussão sob um recorte de gênero, artístico e de protesto, buscando compreender a necessidade da construção do pensamento em ação: a fala, trazendo para perto conceituações sobre feminismo interseccional, a performance como um ato político, a necessidade da manifestação e o corpo como território político.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Feminismos. Performance. Carne. Corpa.

## **I HOPE TO MEET YOU ALIVE**

### **ABSTRACT**

*In order to find ways to keep ourselves alive (in raw flesh), the article walks through some reflective paths about the art-life practices taken during the experience of the curricular component Performance, Gender and Feminisms (PPGAC-UFBA). A discussion under a gender, artistic and protest perspective, seeking to understand the need for the construction of thought in action: speech, bringing close conceptualizations about intersectional feminism, performance as a political act, the need for manifestation and the body as political territory.*

### **KEYWORDS:**

*Feminisms. Performance. Flesh. Body/corpa.*



**ser uma  
mulher  
é estar  
pronta para a guerra,  
sabendo  
que todas as probabilidades  
estão  
contra você.  
– & nunca desistir apesar disso.**

(Amanda Lovelace)

Você não me conhece. Não sei se você gostaria de me conhecer. Veja bem, eu não sou nenhuma *influencer*. Também não sou ninguém. Se você me buscar no Google vai descobrir que sou alguém e encontrará uma ou outra coisa que as redes sociais dizem que sou eu. Meu nome completo, lugares por que passei, fotos de viagens, de gatos, alguns textos, músicas que gosto de ouvir e algumas garotas com as quais divido o mesmo nome comum: Ana Clara. Minha mãe disse que significa “senhora da luz”. Acho que escolheram esse nome como alguma promessa de iluminar esse lugar ou queimar os olhos dos que não nos veem. Não sou meu nome, pelo menos ainda não sou essa promessa. Tampouco sou o que os algoritmos digitais vão te fazer acreditar que sou e muito menos sou apenas as seleções recordadas de Instagram que exponho nesse salão virtual.

Você não me conhece, e tudo bem. Felizmente eu também não me conheço, e isso me dá um alívio danado. Não nos conhecer significa que existe um espaço entre nós, um espaço para um lugar estranho, dentro, profundo, que ainda não se mergulhou; um lugar novo, um território fértil do inacabadas<sup>1</sup> que somos. Esse escrito nasce com o intuito de desenhar um caminho

---

<sup>1</sup> Por uma pauta política e social feminista, durante toda a escrita deste documento estarei me referindo gramaticalmente, quando se trata de coletivos, utilizando artigos no feminino.



percorrido pelos desconhecidos que se fizeram familiares pelas estradas do componente curricular Performance, Gênero e Feminismos (PPGAC-UFBA), com Nina Caetano.

Existem muitas estradas nessa saga, mas focarei aqui em alguns âmbitos que para mim se mostraram essenciais para o entendimento de uma arte, de uma performance política e feminista, temas ampla e afetivamente discutidos em nossos encontros. O início de tudo é constituir o que chamo aqui de pensamento situado, que implica em construir a ideia da *sujeita situada*, locada em noções de sua classe, raça, orientação sexual e território geográfico (e assim sendo, considerar as possíveis implicações de cada elemento de vida acima citado). Essa noção é trazida pela vertente do feminismo interseccional, que nasce também com o intuito de abarcar pautas e discussões que os feminismos brancos do período não davam conta (e não dão):

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. [...] Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. (AKOTIRENE, 2019, p. 14).

O caminho que há algum tempo intencionalmente busco desbravar é um abandono consciente da ideia universalista do ser mulher, uma visão restringida e afirmada apenas nos corpos e nas vivências hegemônicas. Logo, a decisão de perceber o mundo e as corpos<sup>2</sup> presentes desde suas interseccionalidades hoje me dá a possibilidade de ver além do meu próprio umbigo universal e entender que, mesmo quando não é intencional, o apagamento existe, pois se estabelecem muitas lutas que meu pensamento feminista ainda não é capaz de abarcar, por uma impossibilidade intelectual, prática e estrutural. Mas sim, compreender que coexistem muitas lutas com pautas específicas a serem tratadas de acordo com os recortes de gênero, classe e raça, e que possuem suas protagonistas, e de mim necessitam apenas do respeito colaborativo.

Assim sendo, se faz necessário, para você que não me conhece, uma certa construção imagética e geográfica de onde falo. Sou uma mulher branca, cis, pansexual, nordestina, filha, irmã e neta

---

**2** Dirigir-se aos “corpos” como “corpas” faz parte de uma ação do movimento feminista latino-americano em geral, que visa a um novo olhar sobre a escrita de nossos corpos, nos dicionários e na sociedade. Logo, nos momentos em que utilizo essa escrita no feminino, me refiro aos corpos humanos de mulheres em ações de liberdade, rebeldia, e/ou rompimento de padrões. Principalmente me refiro a corpas em estado de libertação patriarcal.



de mulheres artistas; sou brincante popular, professora, aprendiz, atriz e dramaturga, feminista. Nascida na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, a exatamente 20km da serra mais próxima e a 20km da praia mais próxima. Sou filha das matas e do mar, existindo em um período mundial pandêmico, sob um (des)governo fascista, em uma necropolítica estatal descarada e escancarada.

Saindo pela imagem que tento construir sobre minha corpa, entramos em outro eixo de discussão que se fez essencial no caminho reflexivo em que me encontro hoje: a ideia sobre o *corpo-território*. A primeira vez que tive contato com esse conceito-vivo<sup>3</sup> foi através de uma amiga bailarina mexicana, Pamela, que me trouxe o texto “Mi cuerpo es un territorio político”, de Dorotea Gómez Grijalva, antropóloga e feminista maya k’iché, da Guatemala. Lhes falo de corpo-território compreendendo que nosso corpo (ou corpa) é o primeiro território de conquista, de domínio, de estado de *borde*, de exploração, de expressão e de sonho da liberdade. Penso em corpo-território não pela implicação biológica, mas pela histórica, como nos aponta Gómez:

E em consequência assumo que foi nomeado e construído a partir de ideologias, discursos e ideias que têm justificado sua opressão, exploração, seu submetimento, sua alienação e sua desvalorização. Dessa conta, reconheço a meu corpo como um território com história, memória e conhecimentos, tanto ancestrais como próprios de minha história pessoal. Por outro lado, considero meu corpo como um território político que nesse espaço tempo posso realmente habitar, a partir de minha decisão de repensar-me e de construir uma história, desde uma postura reflexiva, crítica e construtiva. (GÓMEZ, 2012, p. 265)<sup>4</sup>

A antropóloga nos traz vários questionamentos acerca da performatividade do gênero, o lugar e a liberdade do corpo feminino nos países latino-americanos, sob a ótica da mulher lésbica. E, dentro dessa reflexão, nos leva a pensar sobre as violências em seus mais variados níveis de performatividade do gênero e da sexualidade, e como, ao ser atravessada pelo seu próprio corpo no mundo, pode chegar à seguinte conclusão:

Posso dizer que tenho confirmando que compreender e conhecer como minhas emoções influem no bem-estar físico do meu corpo e como são importantes para conhecer sua linguagem, é fundamental para entender que todas as dimensões do meu ser estão estritamente interconectadas entre si. Por essa

---

**3** Acrescento a palavra “vivo” ao conceito de “corpo-território”, pois para mim é um conceito que exige dele próprio ser cambiante, como um adjetivo uno à vida.

---

**4** Texto original: “Y en consecuencia asumo que ha sido nombrado y construido a partir de ideologías, discursos e ideas que han justificado su opresión, su explotación, su sometimiento, su enajenación y su devaluación. De esa cuenta, reconozco a mi cuerpo como un territorio con historia, memoria y conocimientos, tanto ancestrales como propios de mi historia personal. Por otro lado considero mi cuerpo como el territorio político que en este espacio tiempo puedo realmente habitar, a partir de mi decisión de repensarme y de construir una historia propia desde una postura reflexiva, crítica y constructiva.”



razão, assumi meu corpo como território político, é uma aprendizagem cotidiana e incessante, que tem requerido muito amor, força de decisão e valor para renunciar ao que atenta contra minha saúde corporal, espiritual e emocional. [...]. Desta maneira me proponho seguir respeitando as particularidades do estilo rítmico e vibrante desse corpo com que toco a vida. (GÓMEZ, 2012, p. 275, tradução nossa)<sup>5</sup>

Gómez então atrela-se à ideia de seu corpo ser um território político. Um território que denuncia sua escolha sexual, sua identidade de gênero e como escolherá ocupar e defender seu espaço no mundo. Ela compreende que não se pode separar o corpo do ser político, assim como sei que eu não posso separar meu teatro e escrita (acadêmica ou dramática) da minha posição política enquanto mulher, pesquisadora e artista. São todos elementos que fazem parte da minha corpa enquanto elemento político artístico.

Às vezes olho para minha corpa, meus traços, a falta de melanina, os arranhões recentes, as cicatrizes, os pelos, meu tipo de cabelo, as cores dos hematomas, o nariz que tenho da minha mãe, os dedos nodosos, as queimaduras do sol e o suor que pinga. Observo essas coisas que moram dentro e fora de mim. Essas marcas, esses marcos. Cada um deles são uma denúncia dos caminhos por que passei. Fora de mim, mesmo que eu não queira, se veem estigmas que compõem a minha identidade para você, não necessariamente a mesma identidade para mim. Segundo Erving Goffman, o Estigma é “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 1982, p. 4), pois se compreende como estigma todo aquele elemento que proporciona no primeiro contato com um observador a percepção pré-conceituosa do existir do observado. Sejam tatuagens, colares, cores, cicatrizes, deficiências físicas ou a falta desses traços denuncia a experiência de vida de alguém. Ninguém está isento dessa pré-percepção social.

Gómez fala sobre a experiência do corpo. Sobre como para ela foi necessário mergulhar na história do seu corpo através da história do seu povo, do seu local geográfico, da sua família, e a construção de todos esses âmbitos completamente envolvidos pela história social da vida local que ela mesma viveu. A história é viva em sua pele, habita seu corpo. Logo, penso sobre a necessidade de se reivindicar o corpo em seu lugar de ser corpo, atravessado por tantos outros saberes, vivências e experiências que existem apenas no plano do estar pulsante, porosa e em carne viva.

---

**5** Texto original: “Puedo decir que he ido confirmando que comprender y conocer cómo mis emociones influyen en el bienestar físico de mi cuerpo y cómo son de importantes para conocer su lenguaje, es fundamental para entender que todas las dimensiones de mi ser están estrechamente interconectadas entre sí. Por esa razón, asumir mi cuerpo como un territorio político, es un aprendizaje cotidiano e incesante, que ha requerido mucho amor, fuerza de decisión y valor para renunciar a lo que atenta contra mi salud corporal, espiritual y emocional [...]. De esta manera me propongo seguir respetando la particularidad del estilo rítmico y vibrante de este cuerpo con que toco la vida.”





Minha corpa é uma arma de guerra. É onde percorro por minhas veias, minhas cicatrizes e os sulcos que fazem na minha pele tantas lágrimas. É onde encontro minhas armas, meus caminhos conhecidos e desconhecidos. Minha corpa é ao mesmo tempo arma e campo de batalha.

Assimilei essa ideia somente no momento em que a transformei em corpo. Em março de 2021, participei do movimento estudantil feminista coordenado pelas Brigadas Estudantiles ADM – Academia de la Danza Mexicana, no qual as estudantes buscaram uma autogestão para sua formação, boicotando as aulas da própria academia, pois foram descobertos vários casos de assédios e abusos (sexuais e psicológicos) de professores para com as alunas e os alunos. Logo, elas se organizaram e começaram a buscar professoras e professores que apoiassem sua causa, num movimento que tomou proporções internacionais e que hoje resultou na nova estrutura da grade curricular do curso. Tive a honra de participar de uma das oficinas ofertadas às estudantes, intitulada “Autonomía Corporal: despatriarcalizando nuestro primer territorio”, pela performer chilena Belén Alfaro, pessoa que tive a honra de conhecer pessoalmente. A atividade compartilhada por Belén consistia em uma prática de movimento com perspectiva de gênero, que surge com a urgência de visibilizar e apropriar-nos da nossa autonomia corporal como meio de conhecimento, defesa, autoria, conexão e liberdade, indagando na relação corpo-mente-emoção e criando mapas do corpo e seus contextos territoriais para serem traduzidos em movimento e dança.

Belén nos instruiu a literalmente fazer um desenho das nossas corpas, em silhueta, em uma folha de papel. Em seguida, pediu para que desenhássemos, sobre nossas silhuetas, onde se localizavam nesse campo de batalha: nossos medos, rebeldia, liberdade, amor, raiva, entre outras emoções. E assim fomos, cada uma em suas casas (pois estávamos em isolamento, no pico dos contágios e sem vacinas contra a covid-19), pintando e intervindo em nossa própria pele através do papel e localizando todas essas construções sobre nossas corpas-território. Foi uma descoberta extraordinária, triste e esclarecedora transformar em arte visual sensações e emoções escondidas na minha carne.

Se somos então compostas pela área geográfica, histórico-pessoal e emocional, acho importante pensarmos sobre aquilo com que nos alimentamos, para além do que se coloca no estômago. Eu lhe pergunto sobre o que come nossa terra-corpo, nossa mente, nossa voz, nossos silêncios. O que lemos, o que sabemos da nossa história, quem escreveu essa história e como me relaciono com ela. A forma que alguém experiencia a vida encaminha seus passos e ajuda a construir a performatividade de si.



Judith Butler tornou-se mundialmente conhecida, especialmente, pelas suas reflexões acerca da performatividade de gênero. Mas antes de entrar aí, gostaria de pensar um pouco sobre o que seria a performatividade em si, e de si.

Entendo a performatividade como uma linguagem, pois, assim como “Para Butler a linguagem envolve a formação social da subjetividade e do corpo” (GRAÇA, 2016), para mim a linguagem da performatividade dá a possibilidade de se pensar a vida enquanto uma performance de si.

Como nos fala Butler, em *Gender Trouble*:

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (BUTLER, 2003, p. 194).

Logo, podemos compreender que somos através dos nossos atos, gestos e representações. Inventamos uma prática de nós mesmas no estado de ser. Humberto Maturana discutiu sobre a biologia do amor (2003), que nos fala sobre sermos pessoas que têm relações com outros seres humanos, memórias, movimentos, histórias ou objetos. Ou seja, somos relação; independentemente com que ou quem, somos aquilo que afetamos ou deixamos afetar na relação, logo, somos uma articulação de afetos no espaço-tempo. Inclusive, Maturana e Varela, ambos biólogos chilenos, cunharam o conceito de *autopoiesis*, que fala sobre a capacidade dos seres de produzirem a si mesmos. Somos, então, um tecido histórico, político e afetivo, em constante transformação provocada pelo poder das relações e dos encontros.

Falo especificamente em *tecido*, pois para mim engloba uma situação que implica a necessidade de vários fios e linhas para compor uma trama, um tecido, e este mesmo conectado com outros tecidos-vivos, construídos pelas linhas dos encontros e relações em afetos.





Sendo assim afetada, penso sobre o que viria a ser a performance para mim. Pois entendo hoje a performance como esse momento-chave, essa intervenção no espaço-tempo que consegue ativar o político no espaço público. Veja bem, quando estamos imersas em um cotidiano que é interrompido por uma intervenção pública, um choque de realidade no meio da vida real, presenciar uma ação que modifica o meio, sinto-me vivendo uma perturbação no campo de poder, que põe em dúvida ou muitas vezes desafia uma estrutura opressora.

Para mim a performance vem com a necessidade de desorganizar e transformar o meio, uma ferramenta ou escolha de vida de transformação social e política do campo dos afetos. Sinto que existe algo que somente as artes cênicas e performáticas alcançam. São formas de arte que podem apoiar-se em várias outras formas de arte (estímulos sonoros, táteis ou visuais) para provocar as espectadoras através dos saberes que só o campo do sensível e sensorial pode assimilar. Compreendo que o impacto cognitivo vem de todos os elementos em uma performance.

São nesses momentos de intervenção artística que sinto que podemos começar a devolver a teoria à prática, pois já me sinto cansada dessas ideias sem corpo. Que logo foi uma pauta deveras discutida em nossos encontros na disciplina provocadora de toda essa escrita: em como existem teorias feministas, estudos acadêmicos e discussões de mesa das mais variadas, mas que o feminismo realmente existe na prática, no cotidiano, no fazer, na ação.

Em conferência<sup>6</sup> pela plataforma digital *Zoom*, as performers do coletivo chileno *Las Tesis*<sup>7</sup> foram indagadas sobre “Como fazer arte feminista num contexto social hostil?”. Em resposta explicaram que encontraram como caminho “O trabalho colaborativo. Não existe um manual de arte feminista, propomos então uma estrutura aberta para a construção conjunta, e buscar outras formas de fazer protesto. A dar corpo. [...] A língua comum é o corpo.” (LAS TESIS, 2019, on-line)

O coletivo encontrou como uma forte imagem o poder das multidões, das corpos em massa, sendo seu grande estopim no período que se intitula o “*estallido social*” no Chile, em 2019,<sup>8</sup> em que percebemos a aproximação engenhosa dos trabalhos performáticos com a arte de protesto que elas desenvolvem. Em *Violador en tu camino*, o coletivo propõe uma coreografia social, que articula a reflexão acerca das instituições de poder patriarcal e o sistema da cultura do estupro que vivemos até hoje, utilizando-se dos movimentos sincronizados e a música-protesto. Segue trecho da letra entoada:

---

<sup>6</sup> Ocorrida no dia 13 de maio de 2022, intitulada “Conversas de Laboratório com a América Latina: Cenários do Sul”. Contou com a presença do coletivo *Las Tesis* e Ileana Diéguez como convidadas para discussões acerca das construções cênicas e das relações com um ativismo feminista latino-americano.

---

<sup>7</sup> Grupo de artistas feministas chilenas que se tornou mundialmente popular após a performance “*Un Violador en tu Camino*”, em 2019, adotada por vários movimentos feministas em pelo menos oito países.

---

<sup>8</sup> Para mais informações acerca do acontecido, que hoje desencadeou na construção de uma nova Constituição no país, aconselho o documentário *Piñera: la guerra contra Chile*, disponível em: <https://youtu.be/YRhsoZsNJ74>.



***El patriarcado es un juez / Que nos juzga por nacer  
Y nuestro castigo /Es la violencia que no ves***

***Es femicidio***

***Impunidad para mi asesino***

***Es la desaparición***

***Es la violación***

***Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía.***

(“Violador en tu camino”, Las Tesis, 2019, on-line)

Elas levantam a bandeira de um movimento artivista, social, popular, organizado, orgânico, comunitário e afrontoso. Elas defendem o lugar de uma “arte de protesta”, o qual eu vejo mais uma vez como um lugar de necessidade política, uma forma de fazer permear a vida cotidiana com a bruta e poética chama da transformação social através da arte.

Em outro estudo intitulado “Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade”, as autoras Roberta Stubs, Fernando Teixeira-Filho e Patrícia Lessa comentam sobre os trabalhos das artistas paranaenses Elisa Riemer e Fernanda Magalhães, ressaltando que

[...] os artivismos e os feminismos ajudam a pensar os múltiplos lugares de fala no olhar artístico e ativista, em luta contra os mecanismos de sujeição às normas sociais. Feito isso, essas práticas feministas dissolvem as fronteiras dos paradigmas dominantes por intermédio da força contestatória em sua expressão de criatividade performática (STUBS, TEIXEIRA-FILHO e LESSA, 2018, p. 16)



A performance torna-se então uma aproximação da própria vida. Um acontecimento situado, no qual a imagem e o discurso ganham espaço e abrem alas para o poder da subjetividade das sujeitas.

A professora, escritora e transfeminista Helena Vieira ressalta a importância de se pensar além e entrar em uma perspectiva mais holística (considerando as sujeitas e sujeitos situadas) dos estudos feministas para pensar na “episteme feminista”, pois não é apenas um movimento social e sim um conjunto de práticas éticas e políticas do existir histórico. Desse modo, vale então compreender que existe um conjunto de saberes feministas sobre a história e as relações de poder, juntamente com o desejo de que esses saberes sejam perspectivas epistemológicas sobre as formas de organizar a raiva e desorganizar o mundo. Nos encontramos assim com práticas políticas transformadoras da realidade e dos universos dos imaginários sociais e pessoais, pois “o pessoal é político”, como nos disse Carol Hanisch.

---

## O QUE PRECISO FAZER PARA SER RESPEITADA?

---

Acho importante reconhecer que não temos respostas para tudo, mas temos perguntas, e perguntas são feitas por aquelas que questionam. Conversando com uma colega pedagoga baiana, Constância, ela me explicou que no período da violência e do massacre da escravidão no Brasil, os mercadores separavam os povos africanos das mesmas etnias para que eles não pudessem conversar entre si, pois eles entendiam que, ao conversar, as pessoas estariam fazendo política. E ao se organizarem politicamente na oralidade, os povos negros escravizados conseguiriam se rebelar e se libertar. A fala é a prática em ação. Precisamos conversar, falar, desafogar, discutir, construir, retornar ao corpo que fala e ao corpo que escuta. Escolho ser daquelas que questionam, que se permitem estar em dúvida e pôr em dúvida o mundo.

Então me pergunto: o que eu preciso fazer para ser respeitada?



Essa foi a pergunta mote para a criação de um programa performativo que finda na performance *Monte aqui uma mulher de respeito*, provocada por Nina Caetano durante a disciplina-chave aqui comentada. A performance ocorreu através de uma *live*, pela minha conta pessoal da rede social Instagram, em que deixo dentro do enquadre da tela roupas e objetos, de modo que o público pudesse escolher o que eu deveria usar para ser uma mulher de respeito. Na condição de performer, me mantenho disposta e aberta a todas as intervenções (que nesse caso ocorreram por meio de comentários ao vivo), pois encaro a posição de urgência de querer ser uma mulher de respeito, já que não aguento mais ser desrespeitada.

Em um tom de ironia, busquei provocar a quem assistiu à *live* para pensar nessa opressão cotidiana que está nas nossas roupas, nos adereços, na carne, no quanto se mostra, no quanto se esconde e como isso implica na forma como sou tratada ou não perante a sociedade. Felizmente, as pessoas envolvidas na *live* demonstraram um pensamento fora do entendimento comum de “uma mulher de respeito” do universo machista, e me incentivaram a vestir roupas curtas, batom vermelho, *cropped* que não cobrisse minhas tatuagens e por aí vai. Porém, para o desempenho da provocação que busca essa performance, era necessário um campo de menos concordâncias sociais para que existisse uma inquietação também naquelas e naqueles fora da minha bolha social. Assim sendo, volto a minha ideia original e levarei essa performance para o ambiente da rua, sem o formato digital, que já limita bastante o acontecimento.

---

## ESPERANÇAR: PARA MULHERES EM ESTADO DE LUTA

---

Espero te conhecer viva. Espero não somente ler as páginas dos livros que você pode escrever, mas também conversar com você, escutar o timbre da tua voz e toda a história que carrega. Quero poder segurar a tua mão e sentir a tua pele enquanto fala. Olhar nos teus olhos e entender as lágrimas que descerem do teu rosto. Espero poder sorrir



com o teu sorriso, e que possamos suspirar pela alegria que é nos encontrarmos. Espero não ter mais medo, e que a roupa que eu use não seja pretexto de violência ou de questionamentos quando à validação do que eu falo. Espero que você, ou eu, ou nossas irmãs possamos abortar com segurança, e que sua intimidade se mantenha onde você quiser. Lembre-se: esperar é um verbo de ação.

Espero poder falar e, quem sabe, por fim cantar. Mas, por ora, sei que vou gritar. Gritarei para ensurdecer a maldade, desnortear os padrões e talvez a dignidade escute minha voz e venha correndo ao meu encontro. Espero te encontrar o mais rápido possível, porque ainda tenho medo de não estar viva até lá. Mas, enquanto isso, estarei pulsando a esperança, que não é silenciosa, nem quieta, nem inerte, nem mórbida. Minha vida é urgente, e a sua também. Quero o conhecimento da corpa viva. Quero nossa luta em carne viva, pulsante, vermelha, vibrante.

---

## REFERÊNCIAS

---

- » AKOTIRENE, Carla. *Feminismos Plurais*: Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- » BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- » GOFFMAN, E. *Estigma*: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. Ano de digitalização: 2004.
- » GRAÇA, Rodrigo. Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos. *Revista Perspectiva Filosófica*: Feminismos: um debate necessário (v. 43, n,1). 2016.
- » GRIJALVA, DOROTEA A. GÓMEZ. Mi cuerpo es un territorio político. *In: Tejiendo de otro modo*: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Editorial UC. 2012.
- » MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A Árvore do conhecimento*: as bases biológicas para a compreensão humana. Palas Athena, 2003.



- » LAS TESIS. *Um violador em tu caminho*. Valparaíso, Chile: Las Tesis, 2019. 1 vídeo (4m:43s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_0ed59v2hQE](https://www.youtube.com/watch?v=_0ed59v2hQE). Acesso em: 16 mar. 2023.
- » LABORATÓRIO DE CRIAÇÃO E INVESTIGAÇÃO DA CENA CONTEMPORÂNEA. *Conversas de Laboratório com a América Latina: Cenários do Sul com o Coletivo LASTESIS*. 14 de maio de 2022. 1 vídeo (2h:00m:27s) [Webinar] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z6mRMI8WJi8>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- » LOVELACE, Amanda. *A bruxa não vai para a fogueira neste livro*. Tradução de Izabel Aleixo. – Rio de Janeiro: LeYa, 2018.
- » VIEIRA, Helena. *Aula Introdução ao Feminismo Decolonial com Helena Vieira*. YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/lxb09EHzduw>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- » STUBS, Roberta; TEIXEIRA-FILHO, Fernando S.; LESSA, Patrícia. Artivismo, Estética feminista e Produção de subjetividade. *In: Revista Estudos Feministas*, Florianópolis. 2018.